

## Ética: por que o *more geometrico*?

José Fernando da Silva<sup>1</sup>  
(Universidade Mackenzie, São Paulo, Brasil)

**Resumo:** Este artigo aborda o problema do uso do método geométrico na *Ética* de Spinoza. Por que Spinoza constrói seu sistema com o *mos geometrico*? Por que Euclides ao invés de Descartes e seu método analítico? O artigo mostra que alguns comentadores respondem a essa pergunta atribuindo uma motivação pedagógica a Spinoza. Este texto sugere que o sistema spinozista possui uma necessidade interna e ela o conduz ao uso do método geométrico euclidiano.

Palavras-chave: método – ética – Deus – síntese – necessidade.

**ABSTRACT:** *This paper examines the problem of geometrical method in the Spinoza's Ethics. Why does Spinoza build his system with the mos geometrico? Why does he choose Euclid instead of Descartes and his analysis' method? The article shows that some commentators answer that question by assigning a pedagogical motivation to Spinoza. This text suggests that Spinoza's system has an inner need and it leads him to the use of Euclidean geometrical method.*

Keywords: method - ethics - God - synthesis - need.

1

### Ética: por que o *more geometrico*?

#### Apresentação

Um dos traços mais incomuns ao leitor contemporâneo da *Ética* de Benedictus de Spinoza é sua arquitetura euclidiana de definições, axiomas, postulados, proposições, escólios e corolários. Extemporâneo, o método dá à obra certo ar de “impenetrável”. Nesse sentido, a forma literária da *Ética* constitui-se em um duro e desalentador empecilho ao leitor desavisado que, talvez motivado pela fama de santidade que orbita em torno da figura do autor, se decide a percorrer as páginas dessa obra clássica. Importante notar que o *more geometrico* não é prerrogativa de Spinoza, mas constitui-se, de fato, em forma recorrente na história da filosofia, tendo seu uso sido muito efetivo no período seiscentista<sup>2</sup>. Nesse momento, o método

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Mackenzie.

<sup>2</sup> Além de Spinoza, também Bruno, Hobbes, Descartes e Galileu encabeçam a lista de autores do período que adotaram o método geométrico como modelo de exposição de suas ideias.

geométrico se delinea como uma importante ferramenta de contestação/superação da *questio* medieval. Conquanto consoante com seu tempo, não devemos pensar que Spinoza adotou o método geométrico por modismo ou pela conveniência forjada em seu tempo. É bem conhecida a independência de Spinoza, o quanto ele foi capaz de edificar uma vida capaz de combater todas as fórmulas previamente estabelecidas por seu contexto histórico e cultural. Se ele optou pelo método geométrico não foi, seguramente, apenas para legitimar uma anuência com seu tempo. Cabe aqui recordar que contemporaneamente à confecção da *Ética*, circunstâncias emergenciais<sup>3</sup> fizeram com que Spinoza adiasse temporariamente seu projeto, assumindo a tarefa de explicitar os traços constitutivos da superstição e do medo gerados pela teologia, mostrando sua fundamentação imaginativa e sua incompatibilidade com a filosofia e a liberdade. Como o nome indica, o *Tratado Teológico-Político* se consubstancia enquanto obra edificada sobre o modelo discursivo, fórmula cuja adoção, provavelmente, decorreu em virtude dos traços pontuais que precipitaram sua redação. Quando comparamos as duas obras, sentimos que Spinoza reservou para *Ética* uma tarefa maior e impessoal. No que se segue, mostraremos que, coerentemente com sua filosofia, o *more geometrico* não é apenas produto de uma tendência presente no mundo seiscentista, nem tampouco algo motivada por razões pedagógicas, mas elemento imanente à própria essência do projeto da *Ética*. Conforme veremos, há de modo secundário, obviamente, a adoção da visão comum que contempla no *more geometrico* o mais eficiente método pedagógico para exposição de argumentos racionais, além de seu formato ser menos propenso a suscitar polêmicas. No entanto, subsiste um componente muito mais importante, visceral ao próprio escopo da *Ética*, e que foi determinante à sua adoção: o elo que a noção de perfeição, tão cara ao método matemático, engendra nas relações do homem com Deus.

2

O presente artigo se divide em duas partes: primeiro examinamos e refutamos a possibilidade da adoção do método geométrico ser produto do engajamento spinozista com a tendência de seu tempo, ou de resultar das preocupações pedagógicas que dominavam Spinoza. Num segundo momento, caracterizamos o espírito da salvação que a *Ética* propõe como algo visceral ao próprio movimento do texto, indicando que a perfeição da substância que absolutamente e infinitamente tudo subsume se consubstancia em ideado que se expressa adequadamente pela via sintética do método geométrico euclidiano.

— \* \* \* —

A argumentação filosófica se consubstancia de diferentes formas ao longo da história da filosofia. O diálogo, a poesia, o tratado, a autobiografia, a questão disputada, o ensaio, o aforismo, o romance literário, o conto, e também o método geométrico se mostram presentes ao longo de seu fluxo. Sobre este último método expositivo, objeto de interesse deste trabalho, o encontramos presente ao longo de toda história da filosofia, algumas vezes de forma plena (com a utilização de todos os elementos do método) e outras apenas parcialmente. Sabemos que a adoção

---

<sup>3</sup> A interrupção da redação da *Ética* e a elaboração do *Tratado Teológico-Político* foi resultado de uma série de acontecimentos precipitados pela intolerância religiosa que, não apenas fizeram com que Spinoza abandonasse Voorburg, mas também se sentisse na obrigação de explicitar os traços constitutivos da superstição e do medo que imperavam na Holanda e, na verdade, praticamente em toda Europa.

spinozista do *more geometrico* não se reduz à *Ética*, no entanto, é em seu interior que ela adquire a máxima repercussão e relevância. A esse respeito, diferentes possibilidades foram apresentadas para justificar o acolhimento spinozista dessa fórmula.

A leitura mais recorrente coloca o pensamento spinozista dentro da tradição da metafísica racionalista. Concebendo o universo como um grande relógio, cuja compreensão de sua engrenagem e de seu funcionamento estaria inevitavelmente ligada à descoberta de sua estrutura matemática, o mundo seiscentista saudou e aplicou com alegria o método geométrico no âmbito da filosofia. Dentro desse espírito, se sustenta que Spinoza “desejava que a verdade da filosofia fosse apresentada em uma forma que fosse o mais próxima possível dos *Elementos* de Euclides, portanto, objetiva e livre de aparências” (HAPMSHIRE *apud* SMITH, 2003, p. 9).

A falácia dessa leitura se encontra na inclusão de Spinoza no rol dos autores que acolhem o que podemos chamar, ampliando as palavras de Pierre Hadot, de “imagem prometéica de mundo”<sup>4</sup>. Em outras palavras, tal leitura falha ao imaginar que por assistir a diversos cursos sobre a filosofia cartesiana oferecidos em Leiden, e por sempre se mostrar muito interessado a respeito das emergentes questões da nascente ciência, que Spinoza compartilharia de modo pleno a boa nova que a ciência emergente sugeria. Ao contrário da imensa maioria de pensadores engajados na edificação do novo mundo, Spinoza reconhecia a presença de enormes aspas a envolverem esse edifício. A imagem do universo como um grande relógio se afigurava impregnada do deus antropomórfico que a tradição judaico-cristã edificou, agora galgado ao papel de grande relojoeiro. A tendência judaico-cristã cindiu o homem do restante da Natureza, afirmando-o como um reino privilegiado dentro de outro reino (a Natureza), outorgando-lhe o destino de vergar e dispor plenamente desse outro reino pela via do conhecimento. O apêndice da parte I da *Ética* e sua caracterização da concepção antropomorfizada de deus como o grande asilo que acolhe e guarda nossa ignorância, acrescido da avassaladora crítica ao finalismo que acompanha essa concepção, é algo que mostra *claramente* que Spinoza não pode ser associado a essa perspectiva prometéica.

Um adendo: um signo dessa não adesão spinozista é sua insistência em se utilizar do método geométrico tal como formulado pelos antigos geômetras. Ou seja, Spinoza opta pelo método sintético euclidiano em detrimento do método analítico, então recentemente desenvolvido e entusiasticamente propagado por René Descartes. Ao fazê-lo, Spinoza está se comprometendo com uma visão de mundo e assinalando o seu não engajamento na imagem predominante entre seus

---

<sup>4</sup> Pierre Hadot cunhou a expressão “atitude prometéica” para se referir à utilização de “procedimentos técnicos a fim de arrancar à Natureza seus ‘segredos’ para a dominar e explorar” (HADOT, 2006, p. 123), atitude que teria eclodido ao início da era moderna. Assumimos com a expressão “imagem prometéica de mundo” a presença de uma visão soberana que antecede a atitude prometéica, e que tem como fonte geradora a tradição metafísica judaico-cristã. Esta perspectiva sustenta a existência de uma divindade transcendente que ao criar o mundo o cindiu em dois reinos, a saber, o reino da natureza e o reino do homem. Ente feito à sua imagem e semelhança, cuja forma foi assumida num breve lapso de tempo pelo próprio filho de Deus, ao homem teria sido outorgado pelo Deus do *Gênesis* a dominação do reino da natureza: “crescei e multiplicai-vos e povoai a terra e dominai-a. Dominai os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que se movem sobre a terra” (*Gênesis* 1, 28, *apud* HADOT, 2006, 115). A imagem contempla, portanto, o homem como criação especial predestinado a dominar todo o reino da natureza. Nessa relação entre dois reinos, um destinado a dominar e outro a ser dominado, desempenha papel fundamental o mundo das artes (técnica) e das ciências, responsável pela efetivação da “atitude prometéica.

contemporâneos. Abordaremos o cerne desse rompimento mais adiante, mostrando que a opção spinozista pelo método sintético não foi contingente.

Outra leitura que já podemos rotular de “clássica”, é aquela sugerida por Harry A. Wolfson. Este comentador sustenta que a opção de Spinoza pelo método geométrico não decorreria da possibilidade dele engendrar a exata exposição do universo, mas do caráter pedagógico inerente ao método. Em outras palavras, a opção se fundamentaria pela presença no método de uma clareza e distinção, elementos com os quais “a forma geométrica era suposta descrever e colocar em evidência as grandes linhas de um argumento. Ela foi utilizada pela mesma razão que usamos os esquemas e diagramas” (WOLFSON, 1999, p. 60). Nesse sentido, a forma geométrica seria utilizada “para benefício do leitor, graças à clareza que ela comporta para formular um argumento, e não porque o sistema filosófico assim o exigiria” (WOLFSON, 1999, p. 61). Além desse motivo, Wolfson acrescenta o caráter defensivo que o método possibilitava a seu autor, que o teria utilizado também pelo fato da forma geométrica “evitar ter de discutir com seus adversários” (WOLFSON, 1999, p. 62). Além do ganho pedagógico que o método fornece à exposição, seu formato seria mais imune a polêmicas desnecessárias, fato que o autor do *Teológico-Político* não conseguiu evitar.

Wolfson peca por não compreender o cerne do spinozismo, a saber, a imanência e a necessidade que perpassa todas as noções do sistema spinozista. A noção de contingência apenas é admitida por Spinoza como produto de nossa ignorância das causas, ou seja, algo que se estabelece no âmbito relativo e finito em que vivenciamos os fatos, sendo margeado pelo aspecto pragmático em que engendramos a esfera dos valores. Nesse sentido, a ideia de Wolfson da inexistência de uma “conexão lógica entre o conteúdo de uma filosofia e a forma literária particular que a expõe” (WOLFSON, 1999, p. 59) é um modo de instituir o contingente no sistema spinozista. Em outras palavras: admitir que Spinoza optou pelo *more geometrico* motivado por preocupações pedagógicas, portanto extrínsecas ao projeto da *Ética*, é tornar seu pensamento refém de circunstâncias fortuitas e extemporâneas, algo que o compromisso com a verdade (que, não nos esqueçamos, o fez romper de modo tão drástico com o judaísmo) jamais lhe permitiria realizar. Há, conforme evidenciaremos a seguir, o que podemos chamar de uma “necessidade ética” determinante para o uso do método geométrico por parte do autor da *Ética*.

Pincemos uma passagem da *Ética* em que se destaca o comprometimento spinozista com a imanência da necessidade a tudo que seu sistema alude: “a ordem e a conexão das ideias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas” (SPINOZA, 2008, IIp7). Em seu contexto, esse enunciado sinaliza a rejeição spinozista ao dualismo mente-corpo proposto por Descartes. A passagem se insere numa série de proposições que caracterizam a existência como algo que se limita apenas a duas possibilidades de existir – como substância e como modo –, fixando a existência dos infinitos modos (seja ele existente ou não no atributo extensão) como expressões que ocorrem no interior dos atributos infinitos de Deus ou a substância cuja essência é uma atividade que se dá eternamente e infinitamente. A passagem também indica uma concepção de verdade que prescinde a busca de qualquer fator externo, sinalizando também a determinação de um método capaz de conduzir ao encontro da verdade como sendo algo que já parte do interior da verdade e nela permanece, conseqüentemente também mostra que a escolha do método geométrico coincide com a determinação da forma expositiva mais apropriada para Spinoza realizar o intento da *Ética*, no sentido de expressar com plena maestria o objetivo desejado pela obra.

Quando postula uma relação isomórfica, diretamente proporcional entre a ordem e a conexão das ideias com a ordem e a conexão das coisas, Spinoza está afirmando que as únicas ideias verdadeiras são aquelas efetivamente conectadas à realidade, conexão que é imanente, direta, sendo elas próprias o critério que determina o domínio do verdadeiro e também do falso. Uma ideia verdadeira é sempre a relação entre duas coisas, portanto, ela é algo que prescinde de qualquer sinal ou marca externa, e a efetividade que ela expressa e repercute é legitimação da conexão. Acresça-se também que a postulação de uma isomorfia entre o ideado e a ideia exclui a presença de ideias imaginativas do campo da verdade, uma vez que estas são construções que nossa mente realiza a partir das experiências confusas e causalmente limitadas que nosso corpo vivencia. Também na proposta dessa relação isomórfica se revela a chave para compreendermos o caráter de necessidade que acompanha as proposições, enunciados e ideias matemáticas. Ao contrário do conhecimento imaginativo, o conhecimento matemático mostra com exatidão a perfeição constitutiva do atributo divino do pensamento. Eternas, as verdades matemáticas são, nesse sentido, modos infinitos mediatos que remetem a uma harmonia inabalável e indestrutível, algo que escapa à ação do fugidio e do tempestuoso, traços tão característicos do que pertence ao âmbito do imaginativo.

O pensamento matemático assim delineado se afigura como perfeito e como a mais genuína forma de expressão da perfeição. Recordemos que a noção de perfeição aparece na parte IV da *Ética* vinculada às ideias de “bem” e de “mal”, no sentido da perfeição se constituir em critério prático que legitima a efetivação de nossa potência. Nesse sentido, não designa nada além de modos de pensar com os quais comparamos as coisas entre si. Nesse momento da obra, portanto, “perfeição” apenas expressa critérios práticos com os quais agregamos e isolamos aquilo que nos é útil. A noção, no entanto, é retomada na parte V, agora redimensionada a um novo patamar. Nela somos apresentados a um terceiro gênero de conhecimento. Este, o conhecimento intuitivo de Deus, se estabelece quando nossa potência singular vincula-se diretamente com o atributo divino do pensamento, estágio que nos faz alcançar outro patamar de consciência de nosso próprio ser e da vida como um todo. A perfeição deixa de ser o produto de uma dinâmica que legitima uma dada potência (humana) numa variação transitiva em sua relação com o contexto que a envolve, e passa a ser a plena perfeição da alma naquilo que ela coincide com a realidade: “quanto mais perfeição cada coisa possui, mais ela é ativa e menos passiva; ao contrário, quanto mais ela é ativa, mais perfeita é” (SPINOZA, 2008, Vp40). A noção adquire um significado que a faz coincidir com o estado de beatitude, com a plena liberdade de ser aquilo que se é.

E é justamente aqui que uma necessidade ética impôs a Spinoza o *more geometrico*. Da mesma forma que a ideia de “círculo” expressa com exatidão a perfeição constitutiva do círculo, todo intento da *Ética* é conduzir o ser humano a afirmar sua perfeição, a saber, agir motivado única e exclusivamente por sua necessidade (seu *conatus*), expressando sua plena harmonia e o fato de que se está *em* Deus, partilhando com tudo que existe esse amor incondicional que tudo acolhe em si. Que a necessidade é elemento imprescindível a Spinoza, é algo que já se mostra no fato da *Ética* se iniciar com a ideia de Deus. Diferentemente de Descartes, que usa essa noção como uma espécie de muleta ou alavanca cujo papel é içar o sujeito pensante do abismo solipsista que o método analítico o mergulhou. Na *Ética*, o leitor é conduzido num movimento de Deus para Deus. Se a parte I caracteriza o ser humano como um modo finito constitutivo da substância, o livro V apenas reafirma esse fato, mas o faz salientando a excelência e a plena alegria da vida beatífica que se abre para colher e vivenciar essa verdade. O termo “método” designa um modo de proceder, uma forma de ordenar certa atividade. Nas *Meditações* e no *Discurso do*

*Método*, Descartes apresenta um método puramente analítico. Ele elege um fim, o encontro de ideias claras e distintas, e busca seu encontro pela via da análise e divisão sistemática das dificuldades em quantas parcelas quanto necessárias à resolução do dilema inicial, sempre caminhando a partir dos “objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos” (DESCARTES, 1983, p. 38). Spinoza, diferentemente de Descartes, rejeita firmemente qualquer ascensão que se faça de “degrau em degrau”. Se em sua *Ética* ele assume Deus como ponto de partida e como ponto de chegada, é porque o conhecimento verdadeiro se faz pelas causas enquanto prerrogativa que já parte do verdadeiro e não como algo que possa ser encontrado como resultado obtido ao final de um percurso duvidoso, inclusive, no caso de Descartes, alimentado pelo exercício da dúvida. Eis o motivo maior pela a opção da arquitetura metodológica dos antigos geômetras. Sintético, o método geométrico euclidiano constitui-se num caminhar em que o lugar aonde postulamos chegar é o lugar em que já nos encontramos. Com o método geométrico não cindimos, nem separamos, nem tampouco apresentamos coisas que não estavam de algum modo antevistas nos postulados, definições e axiomas iniciais. Com esse método não se realiza saltos nem se pode multiplicar infinitesimalmente as partes perdendo-se de vista o todo. A elaboração de suas proposições sempre visa que voltemos ao ponto inicial, contemplando novamente o marco, porém, agora com uma consciência real de seu significado. Nesse sentido, pensamos que ele endossaria enfaticamente a frase de Wittgenstein “se o lugar em que quero chegar somente pudesse ser alcançado por meio de uma escada, eu desistiria de tentar chegar lá” (WITTGENSTEIN, 1980, p. 7).

#### BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- DESCARTES, René, 1983. *Discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural. Coleção “Os Pensadores”.
- HADOT, Pierre, 2006. *O véu de Ísis: ensaio sobre a história da ideia de natureza*. São Paulo: Loyol.
- SMITH, Steven, 2003. *Spinoza’s Book of Life: Freedom and Redemption in the Ethics*.
- SPINOZA, Benedictus de, 2010. *Correspondance*. Paris: Flammarion.
- \_\_\_\_\_, 2008. *Ethica*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- WITTGENSTEIN, L., 1980. *Vermischte Bemerkungen*. Oxford: Basil Blackwell.
- WOLFSON, Harry Austryn, 1999. *La philosophie de Spinoza*. Paris: Gallimard.



REVISTA PRIMUS VITAM